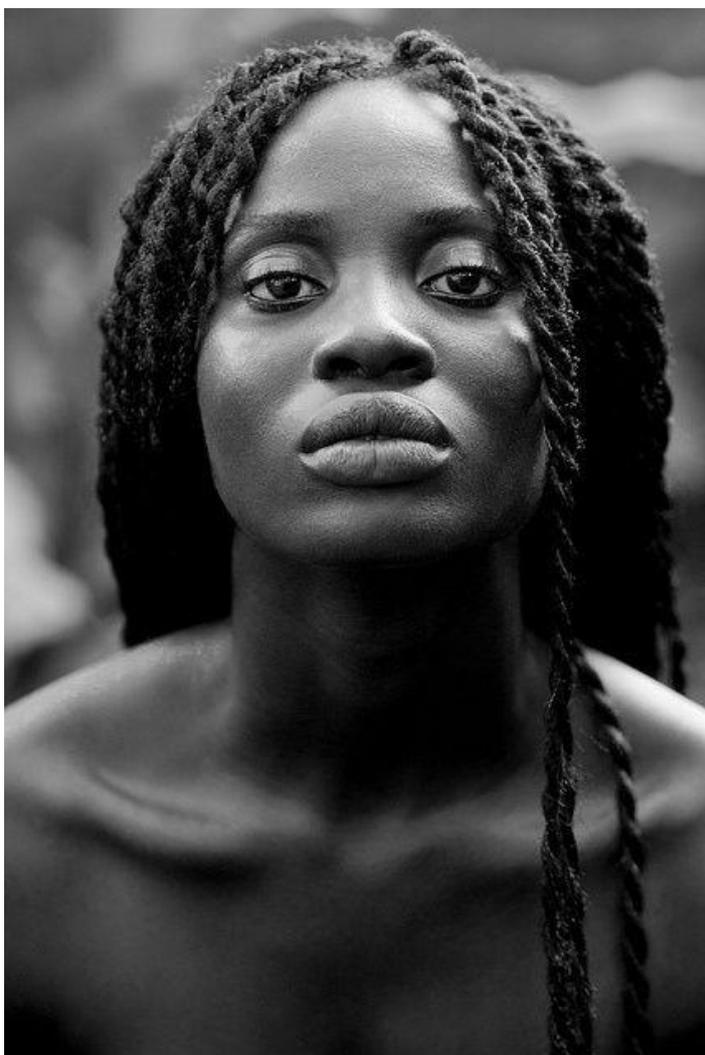


COLUNA

RELATOS NEGROS

Nayara Melo

Quando não dá tempo de cicatrizar



Enquanto crianças é muito fácil cair, se machucar, é muito fácil chorar. É esperar algum adulto vir soprar o machucado, abraçar e consolo. Lembro das tantas vezes do “sopro mágico” que minha vó depositava sobre meus arranhões. Uma ilusão que eu acreditava, acreditava que aquele sopro iria resolver de alguma forma tão sublime que magicamente, as lágrimas iam cessando, o choro ia silenciando... O coração acalmava, um silêncio pairava entre os meus ossos e os músculos e ia subindo pela minha pele até alcançar meus olhos d’água.

Nossos corpos negros não recebem sopros mágicos, e as cicatrizes do racismo parecem não cicatrizar em um corpo de dor. Tem dia

que estamos com a pele descamando de tanta dor, e a respiração fica cansada, falha. Os questionamentos sobre a nossa existência, sobre os motivos que nossa pele incomoda tanto os outros. Marcas que se espalham pela nossa extensão e existência, uma história de dor solo e coletiva.

Não tem como cicatrizar o que vive sendo talhado. Nossos ancestrais em corpo, nós em alma, rosto e voz e por vezes... O corpo. O que podemos falar sobre os corpos das mulheres negras? Ou dos jovens negros ainda mortos cotidianamente? O que podemos falar dos elevadores restritos aos “serviços”? O bloqueio das ruas brancas e classes altas?

Ser negra é também sentir dores e arranhões visíveis e sonoros, não é por acaso que somos unidas pela dor. Dororidade. Será que nossos corpos fecham cicatrizes? Qual o seu sopro para a dor? Quando o silêncio alcança nossos olhos d’água, é por conforto ou pelo cansaço?

São muitas perguntas de dor e cansaço, de cicatrizes que ainda não fecharam. Sente aqui comigo, por favor, vamos nos curar, segurar nossas mãos de cor, de dor. Feche os olhos, um abraço longo, suas lágrimas molharam minha camisa, não se preocupe. Deixa a cicatriz fechar, só por um instante.



Nayara Melo

"Pernambucana, Mulher Negra cursando Odontologia (UFPE), com fortes tendências para Ciências Humanas e fazendo escapes para a escrita, fotografia e a fé, para não sucumbir na rotina"